

DESVENDANDO O SABER POPULAR: HISTÓRIAS E CRENDICES CONTADAS PELOS CARNAUBENSES¹

Maria da Paz Medeiros Dantas
Historiadora e Especialista em História do Nordeste - UFRN

*As mentes das pessoas comuns não são como folhas em branco,
mas estão abastecidas de idéias e imagens...*

Peter Burke

Resumo

Este texto é fruto de uma pesquisa documental com moradores das zonas urbana e rural do município de Carnaúba dos Dantas e, nele, são apresentados relatos escritos colhidos através de entrevistas realizadas diretamente com os maiores guardiões da história: os membros da comunidade, tendo em vista que a entrevista é uma das ferramentas mais propícias para dar voz a grupos que, tradicionalmente, não têm oportunidade de expressar suas versões dos fatos. A escolha do tema e de sua base empírica fundamenta-se no sentimento instigado a realizar um trabalho que se propõe a explorar a memória¹ dos carnaubenses, com especial atenção às histórias orais e suas crendices.

¹ Artigo produzido quando da nossa participação na qualidade de Pesquisadora de Nível Superior no Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte* – PRONAC 043906, financiado pela PETROBRAS e coordenado por Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

¹ Conforme José Carlos Sebe Bom Meihy, “Manual de História Oral” (1996. p.75-76): No sentido prático, para a história oral, memórias são lembranças guardadas e como tais dependem das condições físicas e clínicas dos depoentes, bem como das circunstâncias em que são dadas. A memória, por ser variável e desfocar o centro da reflexão sobre o discurso da entrevista, difere da história oral, que está atenta à inserção do indivíduo na sociedade e não à relação do depoente com suas lembranças.

Palavras-chave

Carnaúba dos Dantas, Memória, Histórias, Tradição oral

1. Introdução

Afinal, quem são estes agentes sociais de cultura e produtores de cultura? O que significa para nós, cada uma dessas lembranças? O que mudou e o que permaneceu? As respostas a estas e outras interrogações estão contidas neste ensaio estruturado em duas partes. Na primeira intitulada “Histórias de Trancoso que o Povo Conta” – reconstituímos as histórias fantasiosas que sempre foram transmitidas por via oral, de geração a geração, vulgarmente conhecidas por Histórias de Trancoso ou Histórias da Carochinha² estudadas no Folclore por Luís da Câmara Cascudo, um dos maiores estudiosos do Conto Popular Universal. E na segunda parte, nomeada de “Sabedoria Popular: um olhar sobre as crendices de ontem e de hoje” - colhemos informações sobre um conjunto de práticas consagradas pelos usos e costumes dos “cientistas” e “médicos populares” carnaubenses, bem como procuramos compreender o porquê da permanência dessas práticas até os dias atuais.

2. Histórias de Trancoso que o Povo Conta

No Brasil, país marcado pela pluralidade cultural, se mantém o costume de contar e ouvir histórias de diferentes origens, pois a história é construída diariamente. O imaginário³ das pessoas é um Patrimônio Cultural muito rico. O homem sempre procura explicar aquilo que vê, mas, não sabe o significado. Os

² Sobre o assunto ver Tarcísio Gurgel, Vicente Vitoriano e Deífilo Gurgel, “Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte” (2003. 111 p.).

³ Entende-se por imaginário “(...) um conjunto de imagens e de relação de imagens que constituem o capital pensante do homo sapiens” (DURAND, *apud* PESAVENTO, 1995, 17 p.).

causos são um dos principais elementos do imaginário, sendo facilmente lembrados pelas pessoas mais idosas. Hoje em dia também temos nosso imaginário e que ele influi em nossa vida. Contudo, devemos ser capazes de valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia.

É de fundamental importância preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos, pois como afirma Michel de Certeau no livro “A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer”, faz-se necessário resgatar o homem comum, o homem que não aparece na história dos livros, das profundezas da exclusão social e elegê-lo como sujeito ativo e participante, que o é, do acontecer histórico, responsável, assim, também pelas transformações e mudanças que se processam nas sociedades ao longo do tempo.

Isto se traduz pelo fato de a oralidade ser definitivamente uma exterioridade sem a qual a escritura não funcionaria. “A voz faz escrever⁴”. Nesse sentido foi selecionado um conjunto de memórias dos contadores de histórias do município carnaubense, que concederam entrevistas e procuraram deixar registradas suas lembranças sobre as histórias e causos plenos de encantamentos que prendem a nossa atenção e nos transportam para o mundo imaginário ou nos fazem analisar acontecimentos reais.

2.1. Histórias fantasiosas premiadas no Concurso de 1958

Em 1958, ano de seca no Nordeste, o Batalhão do Exército manteve em Carnaúba dos Dantas o comando dos Serviços de Emergência⁵, e na perspectiva de valorizar a cultura popular através da história oral narrada pelo homem comum

⁴ CERTEAU, 1999, 255 p.

⁵ Custeados pelo Governo Federal durante os anos de prolongadas estiagens – anos secos.

esquecido pela historiografia oficial, promoveu, nesse período, um concurso junto aos denominados “cassacos”, isto é, os trabalhadores da emergência. Com esse intuito seriam resgatados dos Contadores de Histórias, os “causos” mais interessantes ao público.

Realizado o concurso, em primeiro lugar, foi premiado com um “corte” de tecido⁶ o Sr. Manoel Henrique de Azevêdo - conhecido por Manoel Cabrinha, residente no Sítio Carnaúba de Baixo -, que conforme as lembranças de sua filha Maria das Neves Azevêdo de Medeiros, contou duas histórias aparentemente reais.

Na primeira história relatou que:

Na década de 30 [1930] eu adoeci de reumatismo que quase me deixou paralisado. Morava no Sítio Carnaúba de Baixo e certo dia vinha caminhando, com a ajuda do bastão, bem devagarinho, para tomar injeção na Povoação Carnaúba. Quando cheguei no Riacho do Marimbondo [ainda não tinha sido construída a ponte] começou uma ventania muito forte e, nesse momento, estava ocorrendo uma briga numa casa de jogo de baralho e os jogadores enraivados começaram a virar as bancas e arremessar o dinheiro para o alto. As cédulas saíram avoando rua abaixo e quando chegaram lá no riacho do Marimbondo, eu quase não podendo andar, mas vendo aquela fortuna no ar, me arrisquei. Pega aqui, pega acolá... Quando eu estava quase apanhando uma nota de cinco mil-réis, na frente aparecia uma de dez mil-réis e assim por diante. E eu naquela confusão toda para apanhar a de maior valor, na minha ambição, fui dominado pela ventania e a única coisa que consegui foi ficar mais doente⁷.

As histórias orais podem servir para atrair a atenção e o interesse de muitas pessoas que desejam conhecer um pouco mais do lugar e desses costumes. “É necessária e urgente uma política que se preocupe em valorizar principalmente o homem que conta à história, (...)”⁸, como foi feito naquele concurso realizado há mais de quarenta anos atrás, no qual contou com a participação de valores culturais

⁶ Na forma de expressão da época, “corte”, significa as metragens de tecidos necessárias para a confecção do terno, isto é, a calça e a camisa do mesmo tecido.

⁷ Depoimentos concedidos por Maria das Neves Azevêdo de Medeiros, residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 28 de fev. 2005.

⁸ MACENA, 2003, 65 p.

procedentes da denominada Terra da Música, tendo em vista que a cultura popular ainda está presente nos “causos” de vizinhos e amigos. Nessa perspectiva, o contador de histórias, o Senhor Manoel Cabrinha, também narrou:

Certo dia eu vinha caminhando a pé para Carnaúba e me deparei com Mané Filipe limpando o seu roçado [situado onde hoje é a propriedade de Manoel Azevêdo]. O velho era quase cego e em determinado momento o seu óculos caiu no chão. Daí ele procurou, procurou,... Em vez dele apanhar o óculos, pegou uma cobra. Então o que fez ele! Prendeu a cabeça da cobra numa orelha e o rabo na outra orelha, e continuou limpando o mato. Eu vendo aquela cena, perguntei: “Mané Filipe, por quanto você comprou esse óculos?” Ele ficou muito aborrecido e respondeu: “Você não sabe que eu fui fazer exame de vista em Recife?” Eu que não costumo levar desaforo pra casa, afirmei: “Pois eu vou entregar o seu óculos e tirar o que você tem aí na cara com um pau”. E assim fiz. O velho ficando ciente do perigo que estava enfrentando, ficou muito espantado e agradecido pela minha atitude⁹.

2.2. *Sonho com botija*

Na nossa narrativa fúnebre os mortos não aparecem somente para pedir, eles também dão e oferecem. “Almas penadas voltam para poder ganhar a liberdade de finalmente partir para o outro mundo¹⁰” tendo em vista que em vida tinham sido egoístas e assim ficado presas a alguma pessoa, emoção, objeto ou propriedade. Comumente ouviam-se dos mais velhos, histórias de almas que apareceram para apontar o tesouro que em vida haviam enterrado – a botija. Interrogada sobre esse assunto a Dona Josefa de João Claudiano, nos revelou que:

Lá pelas eras de 40 [1940], meu marido [João Claudiano] sonhou com uma botija de uma tia rica que morava nas pinturas, chamada Zefa das Pinturas. Sonhou três sextas-feiras. A velha disse: “A botija está debaixo da braúna que fica perto da porta da cozinha”. Vá arrancar e leve uma vela acesa. O que você acha primeiro é a nota de dez mil-réis. João me contou e eu aconselhei para que ele fosse arrancar essa botija. Ele foi junto com João Noberto e quando chegaram lá se dirigiram pra o terreno, tudo estava conforme tinha visto no sonho. Tinha uma panela velha com uma bolsa cheia de dinheiro. Aí ele disse: “Nós agora enrica!” Pegou a cavar e quando

⁹ Depoimentos concedidos por Maria da Neves Azevêdo de Medeiros, residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 28 de fev. 2005. Filha do contador de histórias, premiado em vários concursos, Manoel Henrique de Azevêdo.

¹⁰ Da Matta, 1997, 145 p.

bateu na panela, começou uma estraladeira na braúna e vendo a alma da velha de junto dele. Então, ele se afastou da árvore e quando voltou tinha desaparecido tudo¹¹.

Sabendo-se que os mortos são os mediadores regulares da comunicação, no imaginário popular, entre este e o outro mundo, ainda no que diz respeito à existência das botijas, acreditando que as almas do outro mundo costumavam aparecer, ora pedindo que lhe mandassem rezar missas para sua salvação, ora para apontar o dinheiro que em vida havia deixado enterrado, o Sr. Valdemar Martins da Silva declarou que:

Alguém arrancou uma botija que tinha sido enterrada lá na curva do sítio que foi de Joaquim Aleijado; tal sítio que antes tinha pertencido a umas moças ricas solteironas. Essa botija tava enterrada num tronco de uma torcerona de erva-barbosa. Quando a gente enrolava a curva e ia passando lá, aconteceu comigo várias vezes, começava a fazer um redemoinho nos pés da gente, assim. Um dia eu fui olhar e lá tava cavado o buraco. Parecia que tinha sido arrancada uma panela¹².

É interessante mencionarmos que, segundo alguns narradores, para arrancar a botija é necessário ir bem preparado: levar terço, vela, cordão de São Francisco a fim de afastar a assombração – o demônio, que faz de tudo para evitar que a mesma seja extraída, pois não deseja a salvação da alma. Certamente, os “causos” sobre botijas não se esgotam aqui, muitos ainda podem ser revelados, como nos informou a Sra. Ana Lucas Dantas (Dona Naninha): “Na casa da Ramada, que foi de propriedade do meu bisavô Zé Martins, homem muito rico, possuidor de muito dinheiro, ouro e prata, um senhor de Acari arrancou uma botija que ficava perto de um forno”.

¹¹ Depoimento concedido por Dona Josefa Delmira Dantas (Josefa de João Claudiano) residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

¹² Depoimento concedido por Valdemar Martins da Silva (Valdemar de Chica Pé-de-Pão), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 14 de fev. 2005.

2.3. Alma pedindo pagamento de promessa

Acreditando-se que a morte é a única certeza desta vida, há até os mortos que se comunicam com os vivos em sonhos ou em aparições. São almas suplicando orações, pagamento de promessas, dívidas, enfim, fazendo pedidos. Uma possibilidade de juntar vivos e mortos, presente e passado, conhecido e desconhecido.

O “morto” é sempre o elemento que deixou o cenário dos vivos, mas que ainda mantém um elo potente com os que ficaram, conforme mostra o depoimento de Alcimar Medeiros, conhecido por Babinha, que pagou uma promessa no Monte do Galo:

Eu vinha de Carnaúba dos Dantas, de bicicleta, sozinho, à meia-noite. Quando cheguei nas pedras-pretas a sombra de um homem me acompanhou e colocou suas mãos nos meus ombros. Aquele homem várias vezes me apareceu pedindo ajuda. Ele precisava de uma pessoa corajosa que subisse o Monte do Galo três sextas-feiras às 6:00 h da noite e em cada estação rezasse três Pai-Nossos e três Ave-Marias, pagando uma promessa. E assim eu fiz. (...). Na última sexta-feira, subi o Monte do Galo às 6:30 h da noite e quando eu estava no Cruzeiro, escutei aquela voz me chamando, dizendo que eu fosse na capela. O homem perguntou se eu tinha fogo, eu respondi que sim. Ele disse: “Então acenda esta vela que está na minha mão”. E eu acendi. Depois eu perguntei: “O que é que eu faço agora?” Ele respondeu: “Pode descer tranquilo que não vai acontecer nada com você”. E, finalmente, pediu para que eu apertasse a sua mão a fim de agradecer a coragem que eu tive de pagar essa promessa à noite, sozinho¹³.

2.4. História de assombração

Ainda recorrendo às lembranças com relação às tradições populares, revisitamos a memória das histórias de assombração que tanto eram contadas pelo

¹³ Depoimento concedido por Alcimar Medeiros (Babinha), residente na Fazenda Ramada, no dia 22 de mar. 2005.

povo carnaubense nas reuniões familiares, nas debulhas de feijão, nos velórios, enfim, em vários momentos sociais, e que apesar de suas mudanças e permanências nas formas tradicionais de manifestação do saber, são pessoas como Rita Emília da Conceição Nascimento (Rita de Patrão) que perguntada a respeito desse assunto nos fez recordar com a seguinte narrativa:

Papai [Zé Vicente], vinha da Timbaúba montado num cavalo e tangendo um jumento. Quando ia passando debaixo de um pé de juazeiro, bem grande, percebeu que uma pessoa se montou na garupa do cavalo. Ele seguiu o caminho, mas quando chegou adiante, num corredor que tinha uma porteira, quando ele se abaixou para abrí-la, a pessoa pulou da garupa do cavalo e desapareceu¹⁴.

3. Sabedoria Popular: um olhar sobre as crendices de ontem e de hoje

Durante muito tempo a idéia de patrimônio cultural ficou restrita a edificações históricas, prédios, bairros, cidades e outros bens materiais. Atualmente a concepção de patrimônio ampliou-se e, nela, foi inserido todo o legado cultural de um povo, citemos como exemplo as crenças populares carnaubenses colhidas através da história oral, cujos nomes estão listados no final deste artigo¹¹, porque “ela é sempre uma história do tempo presente e é reconhecida como história viva¹⁵”.

3.1. Previsões de chuva

¹⁴ Depoimento concedido por Rita Emília da Conceição Nascimento (Rita de Patrão), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 28 de fev. 2005.

¹¹ Com relação às crenças populares, foi possível obter informações dos seguintes entrevistados: Os Senhores Manoel dos Tanques, João de Carmelo, Valdemar Martins, Chico Grosso, Saturnino de Albino, Dedé Gama, Chiquinho Barulhão, Valdemar Cândido, Adilson. As Senhoras Éster Batista, Zefa de João Claudiano, Josefa Veneranda, Lindalva de João Grilo, Rita de Patrão, Maria de Inácio Celestino, Lourdes de Chiquinho Barulhão, Maria do Socorro, Neuza Araújo, Maria José, Artemísia de Chico Preto.

¹⁵ MEIHY, 1996, 17 p.

Tendo em vista que o homem nordestino sempre tem sofrido com constantes estiagens, desenvolveu-se o “saber popular” sobre o fenômeno da seca¹⁶ nascida da experiência, pois o sertanejo tem uma relação muito estreita com a natureza e no lugar dos instrumentos sofisticados utilizados pela ciência encontra os instrumentos naturais do meio ambiente. Através da observação da natureza o camponês utiliza-se dessas “experiências” para, entre outros elementos, prevê o tempo conforme a posição dos astros no céu, a formas das nuvens, o ciclo da lua, o canto dos pássaros, a atitude dos insetos, a conduta dos animais e o comportamento das árvores. Além disso, o carnaubense - a exemplo da maioria dos sertanejos - busca proteção até na religiosidade, na fé, haja vista, ter como um bom inverno a possibilidade de chover no dia 19 de março – dia de São José.

Vale salientar a necessidade de se dar importância tanto às informações fornecidas pelo “conhecimento científico” como as fornecidas pelo “conhecimento popular”. No sentido de não relegar o saber da tradição a um saber inferior com relação ao saber obtido através da ciência, recorreremos através de entrevistas aos vários “cientistas” sertanejos residentes no município de Carnaúba dos Dantas, os quais através de suas experiências afirmam que o ano (ou o próximo ano) promete ser bom de inverno quando:

- O relâmpago aparecer baixo;
- A fura-barreira escavar o buraco bem alto para a água não entrar;
- Os pereiros criarem uma resina branca;
- As caibreiras ficarem muito floridas e sustentarem as flores;

¹⁶ Para saber mais a esse respeito, consultar Osvaldo Lamartine de Faria, “Sertões do Seridó, 174-177 p. A problemática da seca não pode ser considerada simplesmente como uma consequência da escassez de chuvas em determinados períodos, somente a falta de água em si, mas também à ausência de medidas orientadas no sentido de superar o problema enquanto fenômeno político e socioeconômico, fundamentado na estrutura ambiental da região. Portanto, o homem tende não mais aceitar a seca como um puro fenômeno natural, mas como uma questão condicionada fundamentalmente por fatores sociais e político. Esse deslocamento coloca o problema como passível de soluções que não só aquelas como construção civil de reservatórios hídricos.

- As caibreiras florindo em todo o seu redor o próximo ano vai ser bom de inverno em todos os lugares, porém somente florindo de um lado só vai chover para aquele lado;
- O anil permanecer vivo no outro ano;
- Os pássaros fizerem alvorada no primeiro dia do Ano Novo;
- As catingueiras e os angicos criarem muitas resinas;
- O mororó, o pau-pedra e a aroeira florirem e segurar a vagem;
- Os cardeiros florirem em janeiro;
- Aparecendo nuvens em forma de torres na nascente é sinal que está próximo de chover;
- Os cardeiros florirem e ficarem cheios de cascudos dentro da flor;
- A garrafa meia d'água enterrada debaixo da fogueira de São João e desenterrada no outro dia, se a água tiver subido, o próximo ano será bom de inverno;
 - As formigas criarem asas;
 - Na experiência da primeira Lua Cheia do ano: Quando ela sai de dentro de uma barra é sinal de bom inverno, porém saindo limpa é sinal de ano seco;
 - Na experiência de Santa Luzia: Se o dia 13 de dezembro apresentar sinais de chuva, janeiro será chuvoso; nada havendo, nem relâmpago, janeiro será seco. E assim por diante: 14 representa fevereiro; 15 março; 16 abril. E ainda tem a experiência com as pedrinhas de sal: consiste em colocar na noite de 12 de dezembro, véspera de Santa Luzia, em um prato, seis pedrinhas ou ruminhas de sal, e expô-las ao sereno: a 1ª representa janeiro, a 2ª fevereiro, a 3ª março, a 4ª abril, e assim por diante. Ao amanhecer o dia 13, antes do sol aparecer, vai-se examinar o estado delas. Aquelas que estiverem umedecidas indicam inverno mais ou menos intenso. As que estiverem derretidas indicam inverno intenso, no mês correspondente. E as que se apresentarem secas, enxutas, indicam que nestes meses não choverá;
 - Pintando chuva nos dias de São Canuto e São Sebastião é bom sinal de inverno;
 - As três-marias (estrelas) estiverem pendidas para o Norte é sinal de inverno, porém se estiverem pendidas para o Sul é sinal de ano seco;
 - A primeira Lua Nova de outubro estiver inclinada para o Sul;
 - Em janeiro a Lua sendo cheia antes do dia 12;
 - Aparecer véu de nuvens na nascente;
 - A barra de Nossa Senhora da Luz (2 de fevereiro) sair boa;
 - A curimatã ficar bem ovadinha dos dois lados;
 - Na hora de acender a fogueira de São João, se o vento for norte ou poente, pode considerar um bom inverno para o outro ano.

3.2. Romaria para chover

Alguns anos atrás era costume dos habitantes do lugar, principalmente, da zona rural carnaubense, depois de ter rezado, sem sucesso, as rezas que eram tidas por mais fortes, pedindo chuvas, roubarem na vizinhança santos, de preferência São José, e mantê-los secretamente no seu poder. Estes deviam ser devolvidos aos respectivos donos após a colheita ou, então, com a chegada do inverno. O procedimento de

devolução das imagens obedecia a um ritual, no qual era feita uma romaria com a participação da comunidade.

Inicialmente, rezavam um terço na saída da casa que tinha acolhido a imagem do santo protetor e, em seguida, saíam em procissão cantando benditos e louvores. Ao chegarem na residência do proprietário, o santo era recebido com aclamação, foguetões e rezavam outro terço agradecendo as chuvas. Fato este constatado pelo o Senhor Antônio Afonso de Azevêdo (Tota Azevêdo): “Sinha Joaquina do Melado, mãe de Dona Angélica, costumava rezar o terço no dia de São Sebastião [20 de janeiro], mas teve o seu santo roubado na semana anterior e no dia 23 começou a chover. No dia 27 de janeiro, em procissão, fomos devolvê-lo¹⁷”.

3.3. *Simpatias, quebrantos e agouros*

No Seridó, especificamente em Carnaúba dos Dantas, até os meados do século XX, a sabedoria popular recomendava que as prenhas bebesssem o “caldo da caridade”, preparado com carne, cebola e pimenta-do-reino; que untassem a barriga com manteiga, cebola e azeite-preto, pois evitaria estrias e facilitaria a expulsão da placenta; ainda usassem pendurados ao pescoço, saquinhos com orações aos santos protetores.

Por outro lado, no que diz respeito ao quebranto, “uma rede imaginária cercava a pequena criança de perigos. Acreditava-se que forças maléficas tinham o poder sobre os recém-nascidos¹⁸” As mães reconheciam o enfeitiçamento por medos e tremores amiúdes, choros repetidos, tristeza de aspecto, mudanças de cor, repugnância em mamar, vergões ou nódoas em algumas partes. Além disso, havia receios, como: o de galo cantar fora de hora, o do cantar da coruja conhecida também

¹⁷ Depoimento concedido por Antônio Afonso de Azevedo (Tota Azevedo), aposentado residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 01 de fev. 2005.

¹⁸ DANTAS, 2001, 64 p.

por rasga-mortalha e o de pássaros pousarem na cumeeira da casa. Todavia, conforme o costume e crença popular, algumas simpatias tinham o poder de combater o quebranto. Uma era dar o “banho de susto”, assim explicou-nos dona Artemísia:

Colocava-se um ferro no fogo, quando estivesse bem quente, jogava-se dentro da água. Com essa mesma água dava-se banho na criança doente. Outra, era pôr o cueiro da criança com “quebranto” no fumeiro ou chaminé e deixa-lo neste local para ser queimado, afastando da criança a força do “mau-olhado”¹⁹.

Com relação a outras simpatias e crendices, também foram mencionadas pelos narradores entrevistados:

- Para acabar com soluço: Tomar dez goles de água pronunciando o nome; pegar um pouquinho de água, prender a respiração, encostar o copo nos lábios e deixar deslizar naturalmente três goles.
- Para acabar com tempestade: Jogar ramos bentos e cinzas bentas no terreiro.
- Para acabar com cólicas nos recém-nascidos: Amarrar na cintura do recém-nascido, o cós da saia da madrinha.
- Para curar o soluço do bebê: Pegar um fiapo da roupa da criança, de preferência que seja vermelho, grude-o na testa do nenê, usando para isso, a saliva da mãe.
- Para tirar argueiro do olho, dizer três vezes e em cada vez cuspir no chão: “Corre, corre cavaleiro, vá na casa de São Pedro, diga a Santa Luzia que mande um lencinho branco, pra tirar esse argueiro” (fazendo movimentos circulares sobre a pestana do olho); ao cair o argueiro no olho, cuspir antes de falar com alguém.
- Para estancar hemorragia do nariz: Queimar algodão e cheirar a fumaça.
- Para acabar com medo, rezar: “Valei-me minha Santa Bárbara, das tempestades, raios e de todas as calamidades. Livrai-nos do temor e da dor”.
- Para dor de dente, dizer: “Deus te salve Lua Nova, o primeiro dia que eu te vi, me livre de dor de dente, águas correntes e língua de má gente”.
- Para o poço de Chico Grosso não secar: Construiu uma capelinha com São José sobre o mesmo.

3.4. *Beneduras, curas e orações*

Mesmo sendo católicos fervorosos muitos carnaubenses desenvolveram práticas nada condizentes com os preceitos religiosos, como as benzeduras. Muitos

¹⁹ Depoimento concedido por Dona Artemísia Florentina Dantas (Artemísia de Chico Preto), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 15 de jun. 2001.

procuravam e ainda procuram os recursos dos “rezadores” para os mais diferentes males, pois fé e oração fazem parte da ideologia atual da Igreja Católica. No passado, essa prática disseminada desde o Brasil Colonial, era mais freqüente tendo em vista as precárias condições da medicina, dos meios de transporte e comunicação.

Os “benzedores” fazem suas curas associando práticas místicas da religião católica, magia e conhecimentos da medicina popular. Entre os séculos XVI e XVIII, devido essas práticas dos saberes advindos da religião católica e do paganismo, “os ‘rezadores’ foram perseguidos, oprimidos, punidos, rejeitados e alguns condenados a serem lançados ainda vivos nas fogueiras do Santo Ofício da Inquisição da Igreja Católica²⁰”.

As curas no Brasil remetem a herança dos africanos, índios e mestiços que foram os grandes curandeiros do Brasil Colonial, devido ao conhecimento que tinham das ervas e dos rituais específicos à sua cultura, associados ao acervo dos invasores portugueses.

Os “rezadores” carnaubenses, numa estreita relação entre o sagrado e a natureza, costumam utilizar, entre outros, como instrumentos de trabalho para realizar as curas: ramos verdes, água benta, cordão, sal e nomes dos santos. Esses rituais, nos quais não são utilizadas roupas específicas e nem bens de capital, assemelham-se aos praticados há mais de 400 anos pelos curandeiros coloniais. São os “cientistas” populares que com “palavras mágicas”, curam as pessoas que crêem no poder da oração, usando alguns resquícios desse passado, muitas delas em versos, como é o caso da oração para combater “quebranto” e “mau-olhado” usada por Dona Angélica: “Fulano, com dois te botaram / Com cinco te tiro. / Com o poder de Deus, do Divino Espírito Santo e a chave do Sacrário eu rezo. / Com a chave do Sacrário eu curo. / Com o poder de Deus Pai, com o poder de Deus Filho e com o poder do

²⁰ SILVA, 2002.

Espírito Santo”. A seguir reza-se um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, a Salve Rainha e faz-se o oferecimento.

Dentre outros, as Senhoras: Maria da Conceição de Jesus, Maria Bezerra Cabral, Maria Sabina da Conceição (Mãe Negrinha), Emília Maria da Conceição, Ana Maria da Conceição (Ana Badu), Angélica Maria dos Santos, Terezinha de Araújo, Josefa Maria dos Santos (Zefa Simoa) e Maria das Graças Xavier de Sousa. Os Senhores: Antônio José de Maria, Antônio Matias Fernandes, Antonio Francisco de Azevêdo, Aristides Araújo de Macêdo, José Romualdo da Silva (Zé Gato), Francisco Paulo Dantas (Chico Murrinha), Antônio Martiniano Dantas, Francisco Martiniano Dantas (Chico de Toinho), Francisco Calixto Filho (Chico Calixto), Edgar Xavier de Sousa, Severino Antônio dos Santos (Seu Nova) e Francisco de Assis Dantas (Diá) foram mencionados pelos entrevistados, do grupo denominado “Saberes e Fazeres”, como rezadores com o dom de realizar a arte da cura, tanto em pessoas como em animais e até mesmo para combater as pragas das lavouras, apagar incêndios, acabar tempestades, bem como rezar para o aparecimento de objetos, dinheiro, animais e pessoas, como afirmaram eles: por caridade e sem exigência de pagamento em dinheiro.

É importante ressaltar que esses “rezadores” costumam fazer suas curas, dependendo da gravidade do problema, em particular ou em público. Quando a oração é muito “forte”, eles fazem em voz baixa e em particular, como é o caso de Dona Ana Badu (1910 – 2002) que conforme relatou a sua filha Izaura Oliveira Dantas: “A oração de minha mãe era tão forte que ela só rezava quando a família já estava dormindo e nesse dia, a mesma passava mal²¹”. Dona Ana Badu curava o mal dos animais à distância. Para tanto, ela precisava estar informada de sua localização a fim de rezar em sua direção. Pedia para que não retirasse o animal do local e não o

²¹ Depoimento concedido por Izaura Oliveira Dantas, residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 14 de maio. 2005.

medicasse. Além do mais, exigia que quando o animal ficasse curado, viesse avisá-la. Era uma curandeira que gostava de praticar a caridade e não exigia pagamento em dinheiro pelas suas curas.

Dos rezadores que ainda exercem a prática da cura no município de Carnaúba dos Dantas, Angélica Maria dos Santos, conhecida por Dona Angélica, nascida aos 09 de abril de 1909 é a curandeira mais antiga. Aos 9 anos começou o seu interesse pela possível cura através da oração, observando as sessões realizadas por sua avó.

Dona Angélica reza sem fins lucrativos, sendo ela procurada em sua residência por crianças, jovens, adultos e religiosos. Percebemos que aos 96 anos de idade ainda mantém-se lúcida, com a capacidade de recordar e relatar fatos da história local, bem como o interesse de transmitir os seus saberes às gerações do presente/futuro, revelando-nos outras orações e rituais que ministra:

- Bicheira: “Mal que tanto comece e a Deus louva-se. / Mercúrio e doce no ramo, toma-se. / Com Deus e o Divino Espírito, cura-se”.
 - Campainha caída: “Maria foi Deus quem te fez, / Foi Deus quem te criou. / Com dois te botaram, / com cinco te tiro. / Com poder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo/ Cure a garganta e a campainha. / Eu rezo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.
 - Espinhela caída ou peito aberto: “Quando Jesus Cristo no mundo andou / Três mal Ele curou/ Arca emborcada e peitos abertos/ Espinhela caída Jesus levantou”.
- Para realizar essa cura primeiro mede-se o antebraço, na altura do dedo mínimo até o cotovelo, a seguir dobra essa medida e envolve a parte inferior do busto. Se a medida ficar sobrando, é porque a pessoa está com o “peito aberto”.
- Vento caído: “ Dor abrando a tua ira e quebro as tuas forças./ Assim como Judas vendeu Cristo que é Nosso Senhor Jesus,/ Por esse mundo andou./ Olhado e vento caído, Jesus curou.”

Em referência as curas, citamos também Dona Maria Bezerra Cabral, mãe de Dondom Baêta, que rezava para “dirmentidura” [desmentidura] da seguinte maneira: Pegava uma agulha com linha e num pano colocado sobre o “dirmentido” [desmentido] ia cosendo e dizendo a oração: “ Santo Afonso o que é que eu coso? Nervo triado, carne rendida e osso desconjuntado” (repetia três vezes). Como também

Terezinha de Araújo, conhecida por Tereza de Monteiro, nascida aos 27 de fevereiro de 1932.

Tereza de Monteiro há mais de trinta anos começou a curar, tornando-se adepta do trabalho que seus familiares já faziam: rezar. Conforme nos afirmou, o que motivou a essa prática foi observando a sua mãe. Além das curas na sua residência, realiza sessões à distância.

A questão de não receber pagamento em dinheiro após as sessões de cura já foi abordada por outros rezadores. Dona Tereza afirma: “Não cobro pagamento em dinheiro porque quando Jesus saiu no mundo foi para ajudar as pessoas e não vender as palavras de Deus²²”.

Mediante os depoimentos de Dona Angélica e de Dona Tereza, podemos perceber que elas não acreditam no enfraquecimento da oração se passada para outra pessoa do mesmo sexo, porém, Dona Ana Badu contestava esta opinião.

Com relação às orações fortes, Dona Zefa de João Claudiano afirmou que “João Cassimiro Dantas sabia de várias orações fortes, por exemplo, para apagar incêndios”. Como também, Antonio de Azevêdo apagava fogo usando o poder da fé no Padre-Nosso. “Ele dizia que rezava com bastante fé em volta do fogo e este se apagava”. Assim afirmou o Senhor Tota Azevêdo, que também empregando o seu poder da fé na oração, como fazia o seu avô, já conseguiu apagar incêndios, porém ressalta: “Não sei de oração forte”.

Relembramos, também, que muitos criminosos carregavam, penduradas ao pescoço, orações fortes para fechar o corpo contra bala e ponta de faca, conforme relatou Juvenal Lamartine: “Algumas dessas orações eram tidas como tão fortes que faziam desaparecer o indivíduo da pontaria do seu inimigo²³”. E ainda no tocante ao

²² Depoimento concedido por Terezinha Araújo (Tereza de Monteiro), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 14 de mai. 2005.

²³ FARIA, 1996, 84 p.

desaparecimento das pessoas, Dona Maria das Neves Azevêdo de Medeiros disse que “o poder da oração era capaz de fazer com que dois intrigados ao se encontrarem, transformarem-se em troncos”. Porém, as rezas fortes, conforme escreveu Lamartine, dita-lhes por um rezador “se forem ensinadas de homem para homem ou de mulher para mulher, perdem toda a força; só se conservam quando transmitidas entre pessoas de sexo diferente²⁴”.

Sabendo-se dos perigos que enfrenta as pessoas ao caminharem sem nenhuma proteção por entre os arbustos e as árvores, principalmente os perigos de serem atacadas por cobras, Dona Maria das Neves nos ensinou esta oração que aprendeu com a sua mãe Amélia: “São Bento, na água benta, / Jesus Cristo no altar. / Se tiver cobra no meio do caminho, / Se arrede e deixe eu passar²⁵”.

Enfim, as orações sempre ocuparam lugar de destaque nas tradições religiosas. Os devotos fazem seus pedidos com muita fé, acreditando alcançar uma graça ou até receber um milagre. Os santos ajudam os devotos a chegar a Deus. Por eles são feitos seus pedidos, por meio de novenas, trezenas, acendendo velas, ou simplesmente suplicando por seu auxílio. Rezar é uma maneira de estar com Deus. Os devotos conversam com Ele a cada momento, e a oração é o melhor meio de se ter uma sintonia maior, de se interiorizar e pedir ao Senhor alguma coisa que se deseja. A oração deve ser feita com muita fé e principalmente acreditando que por ela se estará chegando ao Senhor e ele atenderá os problemas.

3.5. *Cruzes em locais de desastres*

Há, no Brasil, o costume de se erigir uma cruz em cada lugar onde faleceu uma pessoa, qualquer que seja a causa da sua morte, porque de acordo com os narradores

²⁴ Idem.

²⁵ Depoimento concedido por Maria das Neves de Azevêdo de Medeiros, residente em Carnáuba dos Dantas, no dia 28 de fev. 2005.

desse documento a cruz é sinal de salvação, de liberdade, de crença e faz lembrar aos vivos a piedade pelos mortos.

Também é interessante notar que ainda sobrevive a tradição²⁶ de colocar sobre os dois braços de madeira pedrinhas que representam orações, pois remontava à Antigüidade o costume de cada transeunte arremessar uma pedra sobre o tosco monumento fúnebre.

3.6. Adivinhações

A cultura popular sobrevive das lembranças coletivas, da oralidade, da transmissão de rezas, simpatias, receitas e histórias. Reconstituir a memória é essencial para que um povo se perceba como sujeito de sua própria história. As adivinhações também fazem parte dessa riqueza cultural, como as transcritas abaixo recolhidas entre entrevistados carnaubenses.

Zing-zing foi à missa.
Num cavalo sem espora,
Zing-zing deu um salto
Desse salto foi embora. [resposta: foguetão]

Quem é que fala,
Mas não diz tudo? [resposta: o livro]

Tem dente mas não tem boca,
Tem barba mas não tem queixo,
Tem cabeça mas não é gente. [resposta: alho]

Quem é que corre
E sempre correrá

²⁶ Conforme Eric Hobsbawm, “A Invenção das Tradições” (1997. p.10): A tradição deve ser diferenciada de costume, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. A tradição impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume” não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, seria, portanto mais volúvel.

Não sabe aonde vai parar. [resposta: o tempo]

Quem é que estava em pé
Para o ar no meio da rua? [resposta: a letra U]

Atravessa o rio cheio
De um lado para o outro,
Sem fazer rastro e nem sombra. [resposta: o grito]

É nome de mulher,
Mas quando ligo ao inverso,
É começo de oração. [resposta: Eva]

Quem é que tem cara,
Mas não tem corpo
Não tem pés,
Mas pode correr? [resposta: a moeda]

4. Considerações finais

Ao desvendar o saber popular carnaubense, especialmente suas histórias e crendices, concluímos que o presente e o passado se entrelaçam e a maioria desses costumes permanecem no cotidiano, se propagam oralmente – mesmo em tempo de constantes avanços na tecnologia das comunicações, dos transportes e das ciências – e ganham novas versões por onde passam.

Também constatamos que o relato oral das experiências de vida das pessoas comuns mostra que não podem ser consideradas apenas as vozes que contam dos reis, rainhas, políticos e heróis. Os costumes e tradições bem peculiares do lugar em que vivemos têm muito a nos ensinar. Portanto é fundamental que superemos o olhar da História como algo acabado, que foi elaborado e registrado não se sabe por quem nem por quê. Torna-se necessário, contudo, fazer compreender que todos nós fazemos parte da construção desse processo, a história; ou as histórias.

Por outro lado, analisando fontes bibliográficas e iconográficas, percebemos que o Patrimônio Cultural possui uma dimensão material e imaterial; preservá-lo é importante para o exercício da cidadania também, visto que o Patrimônio Cultural de uma sociedade, de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo permanentes alterações e que remetem às preocupações do mundo de hoje de preservar não só as construções e os objetos antigos, mas também os elementos não tangíveis ou imateriais desse patrimônio: os conhecimentos, as técnicas, os saberes, os modos de fazer.

Esperamos que o resultado desta pesquisa com as informações transcritas e reunidas neste documento que também se faz histórico, contribua significativamente para o enriquecimento do saber, sobretudo, porque as manifestações populares são cheias de significados. Estudá-las é uma forma de fortalecer a identidade regional, bem como garantir a continuidade e/ou conhecimentos dos costumes.

Referências

CERTEAU, Michel de ; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar.** Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer.** Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COLÔNIA de narradores do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte* – PRONAC 043906.

DAMATTA, Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Maria da Paz Medeiros. **Desvendando o viver nas fazendas dos Azevedo: Carnaúba dos Dantas (1870-1940)**, 2001. 96 p. Monografia (Especialização em História do Nordeste) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2001.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos Costumes do Meu Sertão**. 2 ed. Natal, Fundação José Augusto. 1996.

FARIA, Osvaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

GURGEL, Tarcísio. VITORIANO, Vicente. GURGEL, Deífilo. **Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte**. João Pessoa: Grafset, 2003.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: _____. & RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.

MACENA, Lourdes. Festas, danças e folguedos: elementos de identidade local, patrimônio imaterial do nosso povo. In. MARTINS, Clerton (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo, Roca. 2003, 63-75 p.

MEIHY, José Calos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de outra história: imaginando o imaginário.

Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15. n. 29. 1995. 9-27 p.

SILVA, Maria do Rosário de Medeiros. Rezar, Curar: um caso de persistência cultural no Seridó. **Mneme – Revista de Humanidades**. Caicó, v.3. n. 5 – abr./ mai. 2002.

Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme/anteriores.php>.